

Feridas invisíveis: a influência da ausência paterna na formação da identidade e autoconhecimento do adulto.¹

Osmani Gamarra do Amaral², Rafaella Ferreira de Queiroz³, Moacir Agulhó Junior⁴

Resumo: O presente estudo insere-se na área da Psicologia Humanista, investigando a influência da ausência paterna na formação da identidade e no processo de autoconhecimento na vida adulta. O artigo tem como propósito compreender de que maneira a ausência física ou emocional do pai pode repercutir no desenvolvimento psicológico do indivíduo, influenciando aspectos como autoestima, vínculos afetivos e percepção de si mesmo. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. Para a construção teórica do estudo, foram analisados livros, artigos científicos e publicações acadêmicas disponíveis em bases de dados reconhecidas nas áreas de psicologia e desenvolvimento humano. A fundamentação teórica apoia-se em autores clássicos e contemporâneos, como Freud, Bowlby, Erikson, Rogers e Maslow, permitindo uma análise interdisciplinar que integra perspectivas psicanalíticas, psicossociais e humanistas. Os dados indicam que a ausência paterna pode contribuir para dificuldades na formação da identidade, fragilidades na autoestima e desafios no estabelecimento de relações interpessoais seguras. Além disso, evidenciam que experiências relacionais marcadas pela falta de validação emocional podem influenciar a construção do self e a forma como o indivíduo compreende suas experiências ao longo da vida. Conclui-se que a abordagem humanista oferece importantes contribuições para a compreensão e ressignificação dessas vivências, destacando a relevância de intervenções terapêuticas centradas na pessoa, capazes de promover o fortalecimento do autoconhecimento, da autoestima e do desenvolvimento emocional saudável.

Palavras-chave: Ausência paterna; Identidade; Autoconhecimento; Humanista.

Abstract: This study is situated in the field of Developmental Psychology and Family Psychology and investigates the influence of paternal absence on identity formation and the process of self-knowledge in adulthood. The purpose of this work is to understand how the physical or emotional absence of a father can affect an individual's psychological development, influencing aspects such as self-esteem, emotional bonds, and self-perception. The research is characterized as qualitative and exploratory, conducted through a bibliographic review. The theoretical framework was developed through the analysis of books, scientific articles, and

¹ Artigo como requisito para obtenção de nota avaliativa da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) do curso de psicologia da Instituição União das Faculdades do Estado de Mato Grosso – Campus de Nova Mutum - MT (2026).

² Discente do curso de psicologia da Instituição União das Faculdades do Estado de Mato Grosso – Campus de Nova Mutum – MT, Av dos Canários, 1602 W, Bairro Bela Vista. E-mail: osmanigamarra@hotmail.com

³ Bacharel e Licenciada em Biologia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Mestre em Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Doutora em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Docente da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, do Curso de Psicologia da União das faculdades de Mato Grosso (UNIFAMA), Campus de Nova Mutum-MT.

⁴ Docente do curso de Psicologia na Instituição União das Faculdades do Estado de Mato Grosso – Campus de Nova Mutum-MT (UNIFAMA). Psicólogo graduado pelo Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), especialista em Neuropsicologia Clínica e Psicologia do Trânsito pela Faculdade EduCareMT. CRP-MT 18/02540. E-mail: agulhomoacir@gmail.com

academic publications available in recognized databases in the fields of psychology and human development. The study is supported by classical and contemporary authors such as Freud, Bowlby, Erikson, Rogers, and Maslow, allowing an interdisciplinary analysis that integrates psychoanalytic, psychosocial, and humanistic perspectives. The results indicate that paternal absence may contribute to difficulties in identity formation, fragile self-esteem, and challenges in establishing secure interpersonal relationships. Furthermore, they highlight that relational experiences marked by a lack of emotional validation may influence the construction of the self and the way individuals understand their life experiences. The study concludes that the humanistic approach provides important contributions to understanding and reinterpreting these experiences, emphasizing the relevance of person-centered therapeutic interventions that promote self-knowledge, self-esteem, and healthy emotional development.

Palavras-chave: Ausência paterna; Identidade; Autoconhecimento; Humanist.

1 INTRODUÇÃO

A estrutura familiar contemporânea passou por mudanças significativas nas últimas décadas, impulsionadas por uma série de transformações na estrutura familiar reflexo das mudanças culturais, sociais e econômicas, trazendo à tona discussões importantes sobre o papel do pai na vida dos filhos. As dinâmicas familiares estão cada vez mais diversificadas, refletindo diferentes formas de convivência, novas configurações de pais e filhos, e uma maior aceitação de modelos familiares alternativos. Um dos aspectos mais relevantes nesses cenários é a ausência paterna, que pode ocorrer por diversos motivos, como abandono, separações, falecimento ou até mesmo presença física, mas com distanciamento emocional. A figura paterna, tradicionalmente associada à autoridade, proteção e referência de identidade, desempenha um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicológico dos indivíduos (Bowlby, 1988).

Segundo Bowlby (1988), a figura paterna é fundamental na formação do apego seguro, que influencia a capacidade do indivíduo de estabelecer relacionamentos saudáveis ao longo da vida. A ausência ou distanciamento paterno pode gerar inseguranças, dificuldades na construção de confiança e problemas na autoestima, além de impactar o desenvolvimento de habilidades sociais (Ainsworth, 1989). Além disso, a ausência paterna muitas vezes deixa feridas invisíveis que se manifestam na vida adulta, influenciando a maneira como a pessoa se enxerga, se relaciona com os outros e compreende seu papel no mundo (Fonagy e Target, 2007). Pesquisas mais recentes, como as de Cabrera et al. (2018), reforçam que a qualidade da interação paterna, mesmo em contextos de separação, podem mitigar riscos emocionais e favorecem um desenvolvimento mais saudável, desde que haja consistência e presença emocional.

O estudo investigou de que maneira a ausência paterna repercute na formação da

identidade e no processo de autoconhecimento de adultos, refletindo sobre os efeitos emocionais e psicológicos que permanecem ao longo da vida, muitas vezes de forma silenciosa, influenciando a maneira como o indivíduo se enxerga, se relaciona e compreende seu papel no mundo. A ideia circundou em compreender as feridas invisíveis deixadas pela ausência paterna e seu impacto duradouro na construção do self, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos efeitos de diferentes configurações familiares na saúde mental e explorou as possíveis estratégias de enfrentamento e ressignificação das experiências relacionadas à ausência paterna, especialmente sob uma perspectiva humanista que valoriza o potencial de crescimento, autoconhecimento e transformação pessoal, mesmo diante de dificuldades emocionais e psicológicas. O estudo não apenas evidenciou os impactos dessa ausência, mas também apontou caminhos para o fortalecimento do self e a construção de uma identidade mais saudável e integrada ao longo da vida.

A ausência do pai pode estar relacionada a dificuldades na formação de identidade e autoconhecimento. Como afirma Erik Erikson (1950), a formação da identidade é um processo que ocorre ao longo da vida, sendo influenciado por experiências familiares e relacionamentos significativos. Quando há ausência ou distanciamento paterno, o indivíduo pode desenvolver uma sensação de vazio ou insegurança, que pode persistir na vida adulta, afetando suas escolhas e relacionamentos (Lamb, 2010). Estudos contemporâneos, como os de Kroger (2017), ampliam essa visão ao destacar que a formação identitária na vida adulta continua sendo influenciada pela ausência paterna, sobretudo em contextos de mudanças culturais rápidas.

O objetivo geral foi investigar como a ausência paterna repercute na formação da identidade e no processo de autoconhecimento de adultos, refletindo sobre os efeitos emocionais e psicológicos que podem perdurar para além da infância. Para alcançar esse propósito, o estudo buscou inicialmente apresentar as principais teorias psicológicas relacionadas à construção da identidade e ao desenvolvimento do autoconhecimento, oferecendo base teórica para a compreensão do fenômeno investigado. Em seguida, procurou compreender os aspectos emocionais e comportamentais mais recorrentes associados à ausência paterna na infância, analisando como essas experiências podem influenciar o desenvolvimento psicológico ao longo da vida. Além disso, o estudo buscou relacionar os impactos da ausência paterna com possíveis dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos, na construção da autoestima e na forma como o indivíduo se percebe e se compreende. Por fim, propôs discutir possíveis estratégias de enfrentamento e ressignificação das vivências relacionadas à ausência paterna, à luz do conceito de Self proposto por Carl

Rogers, considerando seus impactos na formação da identidade e no processo de autoconhecimento na vida adulta.

A relevância do estudo está em dar visibilidade a questões que afetam significativamente o desenvolvimento psicológico de milhares de indivíduos, em uma realidade marcada por famílias com estrutura monoparental. A escolha do tema referente à influência da ausência paterna na formação da identidade e do autoconhecimento do adulto justificou-se pela necessidade de compreender os impactos silenciosos e, muitas vezes, invisíveis que esse fenômeno pode causar ao longo da vida. A ausência paterna, seja física ou emocional, foi compreendida como uma ruptura relacional que interfere diretamente na construção do self, nos vínculos afetivos e no modo como o sujeito compreende a si mesmo e ao mundo. Discutir essas marcas no contexto da vida adulta mostrou-se essencial para compreender as raízes de diversas fragilidades emocionais enfrentadas no cotidiano, incluindo baixa autoestima, insegurança relacional e dificuldades na construção da autoimagem.

No âmbito acadêmico, este estudo contribuiu para o enriquecimento das discussões sobre o papel da família e dos vínculos primários no desenvolvimento humano, com especial destaque para os aspectos relacionados à formação da identidade e ao autoconhecimento, temas centrais nas teorias do desenvolvimento psicológico. A pesquisa fundamentou-se em aportes teóricos de autores clássicos como Freud, Bowlby, Erikson, Rogers e Maslow, o que proporcionou uma base sólida e interdisciplinar entre abordagens psicanalíticas, psicossociais e humanistas. Dessa forma agregou valor a ampliação do debate nas áreas da psicologia do desenvolvimento, da psicologia clínica e da psicologia da família, incentivando novas investigações e a atualização constante do conhecimento científico.

No campo social, a relevância do estudo evidenciou-se na possibilidade de fomentar reflexões que ultrapassaram os muros da universidade e alcançaram famílias, escolas, instituições sociais e profissionais da saúde mental. A partir da conscientização acerca dos impactos emocionais da ausência paterna, tornou-se possível refletir sobre o desenvolvimento de ações preventivas e interventivas mais eficazes. Ao compreender como essas feridas afetivas podem se manifestar na vida adulta, buscou-se contribuir para o fortalecimento de políticas públicas de apoio à infância e à juventude, bem como para práticas educativas que incentivem a paternidade responsável e afetiva. A discussão proposta também se apresentou como subsídio para organizações não governamentais, conselhos tutelares e projetos sociais voltados ao fortalecimento dos vínculos familiares.

Do ponto de vista científico, a presente pesquisa propôs integrar diferentes referenciais teóricos com o intuito de lançar novas perspectivas sobre um tema recorrente na literatura

psicológica, mas que ainda demanda maior aprofundamento quando considerado no contexto da vida adulta.

A ausência paterna tem sido amplamente investigada sob a ótica da infância e da adolescência, sobretudo em relação aos seus impactos no desenvolvimento emocional e social nessas fases do ciclo vital. Entretanto, suas repercussões na vida adulta ainda são exploradas de forma limitada e pouco sistematizada. Nesse sentido, ao direcionar o olhar para os efeitos tardios da ausência paterna, este estudo buscou contribuir para o preenchimento dessa lacuna na produção científica, ampliando a compreensão acerca dos processos de construção da identidade e do autoconhecimento ao longo do desenvolvimento humano.

A investigação dessas experiências na fase adulta permitiu compreender como vivências precoces podem reverberar na forma como o indivíduo percebe a si mesmo, estabelece vínculos afetivos e constrói sua autorreferência. Ademais, ao fundamentar-se na abordagem humanista, especialmente nos pressupostos teóricos acerca do desenvolvimento do Self elaborados por Carl Rogers, o estudo possibilitou refletir sobre caminhos terapêuticos mais sensíveis e centrados na pessoa. Tal perspectiva valorizou a experiência subjetiva do indivíduo e reconheceu sua capacidade de crescimento e transformação, favorecendo processos de ressignificação das vivências, integração das experiências emocionais e fortalecimento do self.

2 METODOLOGIA

A pesquisa científica consistiu no estudo sistemático das práticas do saber e de sua aplicação, tendo como finalidade o aperfeiçoamento dos conhecimentos humanos (Bittar, 2017, p. 44). Dessa forma, o presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, tendo como objetivo fundamentar teoricamente a investigação sobre a influência da ausência paterna na formação da identidade e no autoconhecimento do adulto. Para tanto, foram selecionados livros, artigos científicos, teses, dissertações e outros documentos acadêmicos publicados em periódicos reconhecidos nas áreas de psicologia, desenvolvimento humano e estudos familiares. As buscas foram realizadas em bases de dados como SciELO, PePSIC, LILACS, CAPES Periódicos e Google Acadêmico, utilizando os descritores: “ausência paterna”, “identidade”, “autoconhecimento”, “desenvolvimento emocional”, “abandono parental” e “impacto psicológico”.

Os dados foram organizados por temas relacionados ao objetivo do estudo. A análise consistiu na leitura crítica dos textos selecionados, identificando conceitos e relações teóricas existentes na literatura. A partir da análise bibliográfica, foi elaborada uma síntese que evidenciou as principais contribuições dos autores acerca dos efeitos da ausência paterna na

formação da identidade e no autoconhecimento do adulto. A revisão bibliográfica mostrou-se adequada para este estudo, pois permitiu consolidar o conhecimento existente sobre o tema, identificar as principais teorias e estudos relacionados à influência da ausência paterna na vida adulta, além de fundamentar teoricamente a reflexão proposta (Marconi e Lakatos, 2021).

A escolha da abordagem humanista como método de análise deste estudo justificou-se pela centralidade que essa perspectiva confere ao sujeito e à sua experiência subjetiva. O humanismo, enquanto corrente teórica da psicologia, parte do princípio de que o indivíduo é um ser em constante processo de construção e de busca por sentido, atribuindo importância à vivência pessoal, à liberdade, à responsabilidade e à capacidade de autorrealização (Rogers, 2009; Maslow, 1970).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

3.1 Conceitos e impactos do abandono paterno na formação da identidade

No campo da Psicologia do desenvolvimento, a ausência paterna é vista como um fator de risco que pode afetar profundamente o desenvolvimento emocional e identitário da criança. Na perspectiva psicanalítica, a figura do pai é fundamental para a internalização das normas sociais e para a resolução do Complexo de Édipo. Freud (1905; 2008) destacou que o pai atua como um modelo de autoridade e limite, sendo essencial na formação do superego. A falta do pai pode dificultar essa internalização, levando a conflitos não resolvidos, inseguranças e possíveis neuroses futuras (Freud, 1923).

Dentro da perspectiva humanista, especialmente na Abordagem Centrada na Pessoa desenvolvida por Carl Rogers, o conceito de self ocupa papel central na compreensão do desenvolvimento humano. O self refere-se à organização perceptiva que o indivíduo constrói sobre si mesmo, incluindo suas experiências, valores e percepções acerca de quem é. Ao longo do desenvolvimento, essa estrutura é formada a partir das interações com pessoas significativas e das experiências vividas no ambiente relacional. Rogers destaca que, para que o indivíduo desenvolva um self saudável e integrado, é fundamental que vivencie relações marcadas por aceitação, empatia e consideração positiva. Entretanto, quando o reconhecimento e a validação emocional são condicionados a determinadas expectativas ou comportamentos, podem surgir as chamadas condições de merecimento, nas quais a pessoa passa a sentir que só será aceita ou valorizada se corresponder a determinados padrões externos (Rogers, 1959). Esse processo pode gerar incongruência entre a experiência vivida e a percepção que o indivíduo constrói sobre si mesmo, favorecendo o surgimento de conflitos emocionais.

Nesse contexto, a ausência de figuras parentais significativas pode favorecer o desenvolvimento dessas condições de merecimento. Quando a validação emocional não ocorre de forma consistente durante a infância, a criança pode internalizar sentimentos de inadequação ou insuficiência, construindo percepções negativas acerca de si mesma. Ao longo do desenvolvimento, tais experiências podem repercutir na formação da autoestima, na dificuldade de estabelecer vínculos seguros e na tendência à busca constante por aprovação externa. Dessa forma, a ausência paterna, quando associada à carência de reconhecimento afetivo e suporte emocional, pode contribuir para a consolidação de um self marcado por inseguranças e incongruências, influenciando a maneira como o indivíduo percebe seu próprio valor e constrói sua identidade na vida adulta (Rogers, 1959).

Em contraposição às condições de merecimento, Rogers (1959) enfatiza a importância da consideração positiva incondicional, entendida como a aceitação genuína do indivíduo independentemente de seus comportamentos ou falhas. Esse tipo de relação favorece o desenvolvimento de um self mais integrado, permitindo que a pessoa reconheça e aceite suas experiências internas sem a necessidade constante de aprovação externa. Dessa forma, ambientes relacionais que oferecem acolhimento, empatia e aceitação contribuem significativamente para o fortalecimento da autoestima, para o desenvolvimento da autenticidade e para a construção de relações interpessoais mais seguras ao longo da vida.

Na teoria psicossocial de Erik Erikson, a família fornece a base para a formação do self em todas as etapas do desenvolvimento. Em especial, a crise da adolescência identidade versus confusão de papéis torna o jovem vulnerável à carência de referências paternas, o que pode resultar em confusão de identidade ao não saber qual papel assumir, "a confiança básica, que se desenvolve na primeira infância, é fundamental para a formação de uma identidade sólida na adolescência" (Erikson, 1950, p. 261). A ausência ou instabilidade na figura paterna pode prejudicar esse processo, dificultando a construção de uma identidade coesa.

A teoria do apego destaca que os primeiros vínculos com cuidadores moldam os modelos internos de relacionamento. A ausência paterna, nesse contexto, pode contribuir para o desenvolvimento de um estilo de apego inseguro, afetando a autoestima e a confiança nas relações interpessoais. Isso repercute diretamente no processo de construção da identidade. Como se observa, "as experiências de apego na infância influenciam a capacidade de formar relacionamentos seguros na vida adulta" (Bowlby, 1969;1982). A falta de uma figura masculina de referência está relacionada a dificuldades no vínculo e na organização emocional.

Nesse sentido, as contribuições da teoria do apego dialogam com pressupostos da

psicologia humanista, particularmente com a concepção de Self desenvolvida por Carl Rogers, ao reconhecer que a qualidade das relações estabelecidas ao longo do desenvolvimento influencia diretamente a formação da identidade, da autoestima e da percepção de valor pessoal. Conforme Rogers, “a estrutura do self forma-se a partir da interação do indivíduo com o ambiente, particularmente com outras pessoas significativas” (Rogers, 1959).

A adolescência é marcada pela busca de identidade, um processo que demanda referências estáveis no ambiente familiar. A ausência paterna pode desencadear crises existenciais e dificuldades na formação de um self coeso. Freud (2008) alertou para as perturbações do inconsciente relacionadas à figura paterna, reforçando que o pai é um modelo e um limiar de limites. Quando essa presença falha, há riscos de comprometimento na internalização de normas. A ausência de uma figura paterna sólida, portanto, impacta o amadurecimento psíquico e moral do jovem.

A ausência ou negligência paterna pode gerar inseguranças profundas, comprometendo o desenvolvimento emocional da criança. Com vínculos frágeis ou desorganizados, o sujeito tende a repetir padrões disfuncionais na vida adulta. Tais vivências impactam a formação identitária e a maneira como se constrói a percepção de si. “As experiências iniciais de apego moldam o modelo interno do self e influenciam a capacidade de regular emoções e estabelecer relacionamentos” (Bowlby, 1988, p. 213). Dessa forma, a integração emocional das experiências precoces torna-se essencial para o equilíbrio psíquico.

A ausência paterna prejudica tanto a estruturação emocional básica da confiança e do apego quanto o desenvolvimento de uma autoimagem positiva, implicando diretamente na formação da identidade do sujeito. As experiências relacionais vividas nos primeiros anos constituem a base emocional sobre a qual se estruturam aspectos como autoconfiança e competência social. Por isso, “os vínculos seguros na infância são essenciais para o desenvolvimento de uma autoestima saudável e de habilidades sociais eficazes na vida adulta” (Ainsworth, 1989, p. 245).

3.2 Pai e paternidade: distinções conceituais, históricas e psicológicas sob uma perspectiva humanista

A compreensão das consequências da ausência paterna no desenvolvimento do indivíduo exige, antes de tudo, uma reflexão sobre os significados atribuídos aos conceitos de pai e paternidade. Embora frequentemente utilizados como sinônimos, esses termos carregam nuances importantes que precisam ser distinguidas no campo da psicologia. Etimologicamente, a palavra pai deriva do latim *pater*, associada à origem, autoridade e

linhagem familiar (Pai, 2023). Segundo o Michaelis (2023), pai é o homem que tem um ou mais filhos em sentido amplo, aquele que exerce função protetora, educadora ou afetiva sobre alguém. Já “paternidade é a condição de ser pai; relação social ou afetiva entre pai e filho” (Paternidade, 2023). Enquanto pai representa uma figura biológica ou social, paternidade refere-se à vivência relacional que pode ou não estar presente na prática cotidiana, mesmo que o pai biológico exista (Lamb, 2010).

Historicamente, a figura paterna foi marcada pela autoridade e pelo poder. Nas sociedades patriarcais da Antiguidade, o pai era o detentor da lei, responsável pela herança e pelo controle familiar (Fonseca e Silva, 2015). Na Idade Média, o papel do pai permanecia associado à função de provedor e educador moral, muitas vezes distante do cuidado emocional direto com os filhos (Martins e Pereira, 2018). Nesse período, a paternidade era compreendida sobretudo como uma posição de autoridade e responsabilidade social, cabendo ao pai garantir a ordem familiar e a transmissão de valores culturais.

A partir do século XX, com o avanço dos estudos psicológicos e as transformações sociais impulsionadas, entre outros fatores, pelos movimentos feministas e pelas mudanças nas configurações familiares, o papel paterno passou a ser progressivamente ressignificado. A paternidade começou a ser compreendida não apenas como uma função material ou disciplinadora, mas também como uma experiência relacional que envolve cuidado, afeto e participação ativa no desenvolvimento emocional dos filhos (Gonçalves e Souza, 2019). Sob a perspectiva da Psicologia Social, essas mudanças podem ser compreendidas como resultado de transformações mais amplas nas relações sociais e nas dinâmicas de poder presentes no interior da família.

Conforme aponta Silvia Lane, as relações familiares são construídas historicamente e atravessadas por fatores sociais, culturais e ideológicos que influenciam os papéis desempenhados por cada membro da família. Dessa forma, a autoridade paterna e suas transformações ao longo do tempo refletem não apenas mudanças individuais, mas também processos sociais mais amplos que reorganizam as relações de poder no espaço familiar. Nesse contexto, estudos contemporâneos passaram a enfatizar a importância da participação emocional do pai na vida dos filhos. Pesquisadores como Michael Lamb (2010), destacam que a presença paterna não se limita à provisão material, mas envolve também a construção de vínculos afetivos significativos, que contribuem para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Assim, a presença afetiva do pai passa a ser reconhecida como um fator relevante para o desenvolvimento psicológico saudável e para a construção de relações interpessoais mais seguras ao longo da vida.

No campo da psicologia, a presença paterna tem sido considerada um elemento importante para a formação da identidade e da saúde emocional. Na psicanálise, Freud (1923) introduziu a noção de função paterna como estruturante do psiquismo, relacionada à internalização da lei e ao processo de separação simbólica da figura materna. Segundo Freud (1923), o pai desempenha um papel fundamental na constituição do superego, atuando como uma autoridade que regula os desejos e impulsos do indivíduo em relação às normas sociais. Lacan (1966), ao aprofundar esse conceito, afirma que o pai ocupa o lugar da lei do desejo, sendo um mediador entre o sujeito e o mundo social, a função paterna é essencial na entrada do sujeito no campo do simbólico, e sua ausência pode gerar lacunas simbólicas profundas na constituição do self.

A psicologia humanista oferece uma compreensão mais existencial e relacional do desenvolvimento humano, enfatizando a importância das experiências afetivas nas relações primárias para a construção da identidade. Nesse contexto, a figura paterna pode desempenhar um papel relevante no processo de formação do self e na consolidação da segurança emocional da criança. Na Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Rogers (1959), destaca-se que o desenvolvimento psicológico saudável está diretamente relacionado à qualidade das relações interpessoais vivenciadas ao longo da infância.

Rogers (1961) enfatiza que ambientes marcados por empatia, aceitação e autenticidade favorecem a construção de um self mais integrado e congruente. Segundo esse autor, a aceitação positiva incondicional constitui um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento emocional da criança. Quando a criança percebe que é aceita e valorizada independentemente de suas falhas ou comportamentos, torna-se mais capaz de reconhecer e integrar suas experiências internas, desenvolvendo uma percepção de si mais autêntica e estável. Por outro lado, quando o reconhecimento afetivo ocorre de forma limitada ou condicionada, podem emergir sentimentos de inadequação e incongruência entre o self percebido e as experiências vividas.

Essa perspectiva dialoga com as contribuições de Abraham Maslow (1970), especialmente em sua teoria da hierarquia das necessidades humanas. Em sua formulação, propõe que as necessidades de amor, pertencimento e vínculo afetivo ocupam posição central no desenvolvimento psicológico, situando-se logo após as necessidades fisiológicas e de segurança. Tais necessidades são frequentemente supridas no contexto das relações familiares, incluindo a relação com a figura paterna. Quando essas necessidades são adequadamente atendidas, favorecem o desenvolvimento da autoestima, da confiança interpessoal e da sensação de pertencimento.

Em contrapartida Rogers (2009), aborda que a ausência ou fragilidade dessas relações pode repercutir em sentimentos de insegurança emocional e dificuldades na construção da identidade. Assim, tanto as perspectivas psicanalíticas quanto as humanistas reconhecem que a presença ou ausência da figura paterna exerce influência significativa nos processos de formação identitária e no desenvolvimento da saúde emocional ao longo da vida. Enquanto a psicanálise enfatiza aspectos ligados à estruturação psíquica e à internalização de normas, a psicologia humanista destaca o papel das relações afetivas na construção do self e no desenvolvimento do potencial humano.

Na perspectiva humanista, portanto, a paternidade não se define por normas sociais ou vínculos biológicos, mas pelo compromisso afetivo e existencial com o outro. Ser pai, nesse sentido, é um processo de presença e reconhecimento, que vai além da função normativa ou da herança genética. O pai que exerce uma paternidade consciente contribui ativamente para a construção da identidade do filho, oferecendo-lhe não apenas suporte, mas um espelho relacional que o ajuda a reconhecer seu valor e singularidade (Rogers, 1961).

Em contrapartida, a ausência dessa paternidade mesmo quando o pai está fisicamente presente pode gerar o que muitos autores chamam de feridas invisíveis marcas emocionais silenciosas que afetam a autoestima, os vínculos afetivos e o processo de autoconhecimento ao longo da vida adulta (Pais, 2011). Tais feridas frequentemente se manifestam em sentimentos de rejeição, insegurança, dificuldade de confiar nos outros e até na repetição inconsciente de padrões relacionais disfuncionais.

Na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, proposta por Carl Rogers (1959), essas experiências podem influenciar o funcionamento do chamado processo de avaliação organísmica, entendido como a capacidade inata do indivíduo de avaliar suas experiências com base em suas necessidades internas e em seu potencial de crescimento. De acordo com Rogers, quando a criança se desenvolve em ambientes que oferecem aceitação, empatia e consideração positiva, tende a manter maior contato com esse processo interno de avaliação, orientando suas escolhas de maneira mais congruente com suas próprias experiências. Entretanto, quando o ambiente relacional é marcado por rejeição, ausência afetiva ou reconhecimento condicionado, o indivíduo pode gradualmente afastar-se de sua avaliação organísmica, passando a orientar suas ações a partir de expectativas externas ou da constante busca por aprovação.

Nesse contexto, a ausência paterna pode representar um elemento significativo na construção dessas experiências relacionais. A falta de validação emocional ou de vínculos afetivos consistentes pode interferir na confiança do indivíduo em suas próprias percepções e sentimentos, favorecendo o desenvolvimento de inseguranças emocionais e dificuldades na

construção de relações interpessoais mais seguras. Assim, do ponto de vista humanista, compreender os impactos da ausência paterna implica também reconhecer como determinadas experiências relacionais podem influenciar o contato do indivíduo com seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento psicológico (Rogers, 2009).

Dessa forma, compreender a diferença entre ser pai e exercer a paternidade é essencial para investigar os efeitos da ausência paterna na vida adulta. Um pai pode estar presente biologicamente, mas ausente emocionalmente. E, inversamente, figuras não biológicas podem exercer funções paternas significativas, restaurando vínculos e oferecendo o cuidado necessário para o amadurecimento psicológico do indivíduo. É nesse campo simbólico e afetivo que a psicologia humanista propõe o resgate do vínculo como um caminho para a reconstrução do self ferido e para a redescoberta do sentido existencial (Maslow, 1954).

3.3 Visão do senso comum sobre o abandono paterno

No imaginário popular e midiático, o abandono paterno costuma ser associado a estereótipos simplistas como rebeldia ou incompletude social sem considerar as complexidades envolvidas. Essa visão reducionista tende a ignorar as múltiplas variáveis que influenciam o desenvolvimento psicológico e social de um indivíduo. Segundo Rogers (1961), "a condição fundamental para o desenvolvimento psicológico saudável é a aceitação incondicional por parte dos cuidadores", indicando que a ausência de uma figura paterna não necessariamente condena uma criança ao fracasso emocional ou social. A teoria rogeriana destaca a importância do ambiente de aceitação e apoio, sugerindo que fatores como o suporte emocional, a qualidade das relações familiares e a rede social podem atuar como fatores de proteção, mesmo na ausência de um pai presente.

Contudo, a psicologia contemporânea reconhece que a resiliência individual, as redes de apoio social e as experiências positivas podem mitigar os efeitos de uma ausência paterna, contribuindo para o desenvolvimento de uma autoestima saudável e habilidades de enfrentamento. Maslow (1943) destaca que "a segurança é uma necessidade fundamental", cuja falta pode gerar insegurança e ansiedade na infância.

A narrativa cultural frequentemente atribui atributos como disciplina e moralidade ao pai ausente, enquanto vê a mãe como fonte de carinho e segurança uma visão reducionista que ignora as múltiplas variáveis envolvidas no desenvolvimento humano, que é influenciado por múltiplos fatores, incluindo fatores genéticos, ambientais, culturais e sociais. Stern (1985) reforça essa ideia ao afirmar que "as experiências iniciais moldam nossa compreensão de quem somos", sugerindo que outros fatores além da presença paterna podem contribuir para a

formação do self.

Autores como Kehl (2010) argumentam que "a ausência paterna não determina por si só o destino do sujeito ela é uma das muitas variáveis que influenciam seu percurso" (Kehl, 2010), sendo assim, é importante reconhecer a resiliência individual, a relação com figuras de cuidado substitutas, a participação em grupos sociais e o acesso a recursos psicossociais podem promover processos de reparação emocional e crescimento pessoal, mesmo diante de uma ausência paterna sendo fundamental ampliar a compreensão sobre o tema, reconhecendo a complexidade do desenvolvimento humano e evitando generalizações que possam reforçar estereótipos prejudiciais.

3.4 Abordagem humanista sobre o tema Feridas Invisíveis: a influência da ausência paterna na formação da identidade e autoconhecimento do adulto

A presente pesquisa adota como base teórica a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers (1959), inserida no campo da psicologia humanista. Essa abordagem enfatiza o potencial inato de crescimento do indivíduo, bem como a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento de um self saudável e integrado. Um conceito fundamental da teoria rogeriana é o de avaliação organísmica, que se refere à capacidade inata do indivíduo de avaliar suas experiências com base em suas próprias necessidades internas. Em um ambiente saudável, essa capacidade orienta o sujeito em direção ao crescimento e à autorrealização. Entretanto, quando a criança vivencia relações marcadas pela ausência afetiva, como no caso da ausência paterna, pode passar a substituir sua avaliação interna por critérios externos de validação, desenvolvendo o que Rogers denominou de condições de valor. Esse processo compromete a autenticidade do self, levando o indivíduo a agir em função da aceitação alheia, e não de sua própria experiência.

A abordagem humanista enfatiza o potencial inato de crescimento do indivíduo e a importância do ambiente para a autoatualização, propôs que o ser humano necessita de aceitação positiva incondicional de seus cuidadores para desenvolver um self saudável. Sem o apoio e empatia dos pais, sobretudo do pai, a criança pode internalizar condições de valor e desenvolver um conceito de si distorcido, afirma que "a aceitação incondicional é fundamental para que o indivíduo possa explorar e realizar seu potencial" (Rogers, 1951, p. 118). A ausência paterna muitas vezes representa falta de suporte empático, levando a criança a acreditar que precisa atender a expectativas externas para ser aceita, o que pode prejudicar seu desenvolvimento emocional.

Na estrutura das necessidades humanas, o amor, pertencimento e estima são vistos como

condições essenciais para que o indivíduo possa alcançar a autorrealização. Maslow observou que, quando as necessidades humanas básicas não são atendidas, podem surgir frustração, passividade, baixa autoestima e insegurança. Tais deficiências, especialmente na infância, podem comprometer o desenvolvimento emocional e social do indivíduo, afetando suas relações interpessoais e sua visão de si mesmo. A figura paterna desempenha um papel crucial nesse contexto, pois a ausência do pai pode dificultar o suprimento dessas necessidades de forma saudável. A falta de uma presença afetiva e protetora contribui para a formação de uma autoestima fragilizada, impactando diretamente o bem-estar e o desenvolvimento pessoal da criança (Maslow, 1943, p. 375).

A psicologia humanista mostra que ambientes de apoio emocional e relações genuínas são condições facilitadoras para que a pessoa se realize plenamente. Sem o envolvimento paterno afetivo, esses processos ficam ameaçados, reforça que "um ambiente de aceitação empática é essencial para o crescimento psicológico" (Rogers, 1951, p. 120). A visão humanista sugere que o abandono paterno pode interferir na satisfação de necessidades emocionais essenciais ao desenvolvimento humano, dificultando a construção de um self positivo e integrado. Na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Rogers, o crescimento psicológico saudável depende da possibilidade de o indivíduo manter contato com sua experiência interna e com suas necessidades emocionais mais autênticas.

Nesse contexto, Rogers (1959), descreve o processo de avaliação organísmica como uma capacidade inata que permite ao indivíduo avaliar suas experiências com base em seu próprio potencial de crescimento e bem-estar. Quando a criança se desenvolve em ambientes afetivos que oferecem aceitação, empatia e reconhecimento, tende a manter maior confiança em suas percepções internas e em suas necessidades emocionais. Contudo, em contextos marcados pela ausência de vínculos afetivos significativos, como pode ocorrer na ausência paterna, esse processo pode ser fragilizado. Dessa forma, a criança pode passar a duvidar de suas próprias experiências internas ou buscar constantemente validação externa para orientar suas escolhas e relações. Ao longo do desenvolvimento, esse distanciamento da avaliação organísmica pode contribuir para dificuldades na construção de um self positivo, influenciando a autoestima, a confiança nas relações interpessoais e a capacidade de reconhecer e integrar as próprias experiências emocionais.

No entanto, ao oferecer condições seguras e apoio, mesmo que por outras fontes, é possível recuperar o sentido de valor pessoal e avançar rumo à auto realização. Complementarmente, pesquisas como as de Ryan e Deci (2020) no campo da teoria da autodeterminação mostram que o suporte emocional paterno é decisivo para satisfazer

necessidades psicológicas básicas e promover bem-estar.

3.5 Técnicas terapêuticas da abordagem humanista aplicáveis a ausência paterna

A abordagem humanista, ao enfatizar a singularidade da experiência subjetiva e o potencial de autorrealização de cada ser humano, oferece técnicas terapêuticas eficazes para lidar com as feridas emocionais deixadas pela ausência paterna. Essas técnicas não visam a correção direta do comportamento, mas sim a criação de um espaço seguro e empático que possibilite o florescimento do self autêntico e a ressignificação das vivências dolorosas (Rogers, 1961; Maslow, 1954).

Uma das principais estratégias é a escuta ativa e empática, em que o terapeuta se compromete a compreender profundamente o mundo interno do paciente, sem julgamentos ou interpretações invasivas. Através da empatia genuína, o paciente sente acolhido em sua dor, podendo expressar sentimentos reprimidos relacionados ao abandono, como raiva, tristeza ou até mesmo culpa (Rogers, 1961).

A aceitação incondicional positiva é outra técnica essencial. A aceitação plena do paciente, mesmo com suas contradições e fragilidades, cria uma base sólida para o desenvolvimento da autoestima e da confiança, especialmente em indivíduos que internalizaram a crença de que só seriam amados sob certas condições algo comum em quem experienciou negligência ou rejeição paterna (Rogers, 1961).

A congruência do terapeuta, ou seja, sua postura autêntica e transparente, serve como um modelo de relação genuína, contrastando com a instabilidade ou ausência emocional vivida anteriormente. Isso encoraja o paciente a também se expressar com autenticidade, favorecendo o contato com suas necessidades internas e com sua identidade real (Rogers, 1961).

A terapia humanista também utiliza a facilitação da autorreferência, ou seja, o estímulo para que o sujeito se torne mais consciente de seus próprios sentimentos, valores e escolhas, sem depender exclusivamente da validação externa. Essa técnica promove o fortalecimento do self, elemento central no processo de reconstrução da identidade após vivências de abandono (Maslow, 1954).

A autoexploração assistida, em que o terapeuta, por meio de perguntas abertas e reflexivas, incentiva o cliente a revisitar suas experiências, ressignificá-las e encontrar novos sentidos. Essa abordagem não impõe verdades, mas oferece suporte para que o próprio indivíduo encontre caminhos de cura a partir do desenvolvimento de estratégias terapêuticas voltadas à ressignificação das experiências e à integração do self, promovendo maior consciência, aceitação e crescimento pessoal, desenvolvimento de estratégias terapêuticas

voltadas à ressignificação das experiências e à integração do self, promovendo maior consciência, aceitação e crescimento pessoal, integrando suas dores à construção de uma narrativa mais coesa e fortalecida de si mesmo (Rogers, 1961). A atuação clínica humanista diante da ausência paterna não se limita a interpretar ou diagnosticar, mas sim a acompanhar o cliente em sua jornada de reconexão com seu valor, sua história e seu potencial de crescimento, mesmo diante de feridas invisíveis (Maslow, 1954; Rogers, 1961).

3.6 Crítica reflexiva e caminhos de superação

O fenômeno do abandono paterno é de fato complexo e multifacetado. Não existe uma única trajetória de efeito alguns filhos conseguem desenvolver resiliência e encontrar outras fontes de apoio como familiares, amigos ou mentores para suprir o vazio. Segundo Rutter (2012), a resiliência é influenciada por fatores internos, como traços de personalidade e estratégias de enfrentamento, bem como por fatores externos, como a rede de suporte social e o contexto econômico. Em consonância, Masten (2018) reforça a importância da resiliência como um processo adaptativo dinâmico, fortemente influenciado por redes de apoio e modelos de figura paterna, sejam elas biológicas ou substitutas.

A negligência paterna pode gerar traumas duradouros, como ansiedade, depressão e dificuldades de confiar nos outros, contudo, esses efeitos podem ser mitigados por intervenções adequadas. Para Stern (1985), intervenções terapêuticas podem promover a reconstrução da autoimagem e o fortalecimento emocional. Socialmente, percebe-se que o combate ao impacto negativo passa pelo fortalecimento de redes de apoio e políticas públicas. Programas de educação parental, intervenção precoce em casos de risco e legislação rigorosa para responsabilizar o pai ausente têm se mostrado eficazes (Brandão et al., 2018). A psicologia sugere caminhos como terapia familiar, apoio psicológico individual e grupos de apoio para filhos de pais ausentes, contribuindo para a reconstrução da autoestima (Goldberger, 2004).

A educação emocional também é fundamental na prevenção de padrões destrutivos ao longo da vida (Goleman, 1995). O abandono paterno exige uma abordagem integrada criticamente, devemos reconhecer que a presença ou ausência do pai interage com variáveis culturais, econômicas e subjetivas em cada caso. O desenvolvimento humano ocorre primeiramente no contexto social, reforçando a importância do ambiente na formação do sujeito. Não se trata apenas de culpar uma pessoa, mas sim de compreender todo um contexto familiar e social. A complexidade do fenômeno implica que não há soluções mágicas; ao contrário, é necessário um trabalho conjunto envolvendo suporte afetivo, responsabilização legal e intervenção terapêutica.

4 Considerações Finais

O presente estudo possibilitou ampliar a compreensão acerca da influência da ausência paterna na formação da identidade e no processo de autoconhecimento na vida adulta. A partir da revisão bibliográfica realizada, observou-se que as experiências vivenciadas no contexto familiar, especialmente durante a infância, desempenham papel fundamental no desenvolvimento emocional e psicológico do indivíduo. Nesse sentido, verificou-se que a ausência paterna, seja física ou emocional, pode repercutir significativamente na construção da autoestima, no estabelecimento de vínculos afetivos e na forma como o sujeito percebe a si mesmo e se relaciona com o mundo.

Em consonância com o objetivo geral de investigar como a ausência paterna repercute na formação da identidade e no processo de autoconhecimento de adultos, os resultados evidenciaram que a figura paterna exerce importante função no desenvolvimento humano, contribuindo para a constituição de referências emocionais, sociais e identitárias. Quando essa presença se mostra fragilizada ou ausente, podem emergir dificuldades relacionadas à segurança emocional, à construção da autoimagem e ao desenvolvimento de relações interpessoais mais seguras. Ao mesmo tempo, constatou-se que tais vivências não determinam de maneira absoluta o percurso de vida do indivíduo, uma vez que fatores como redes de apoio, relações significativas e processos psicoterapêuticos podem favorecer a ressignificação dessas experiências e o fortalecimento emocional.

No que se refere aos objetivos específicos, o estudo permitiu apresentar as principais teorias psicológicas relacionadas à construção da identidade e ao desenvolvimento do autoconhecimento, oferecendo uma base teórica consistente para a compreensão do fenômeno investigado. Também foi possível identificar aspectos emocionais e comportamentais recorrentes associados à ausência paterna na infância, tais como fragilidades na autoestima, dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos e desafios na construção da autorreferência. Além disso, a análise evidenciou como esses impactos podem influenciar a forma como o indivíduo se percebe, compreende suas experiências e estabelece relações ao longo da vida adulta.

A Psicologia Humanista, especialmente por meio da contribuição de Carl Rogers, mostrou-se particularmente relevante para a compreensão. A partir dos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa, foi possível refletir sobre a importância de contextos relacionais pautados na empatia, aceitação e autenticidade, condições que favorecem o fortalecimento do self, o desenvolvimento do autoconhecimento e a promoção do crescimento pessoal. Dessa forma, o estudo também contemplou o objetivo de discutir estratégias de

enfrentamento e ressignificação das vivências relacionadas à ausência paterna à luz do conceito de self proposto por Rogers.

Como limitação desta pesquisa, destaca-se o fato de tratar-se de um estudo de natureza exclusivamente bibliográfica, fundamentado na análise de produções teóricas já existentes. Assim, não foram realizadas investigações empíricas que possibilitassem observar diretamente as experiências subjetivas de indivíduos que vivenciaram a ausência paterna em seus contextos de vida.

Diante disso, sugere-se que pesquisas futuras desenvolvam estudos de campo, utilizando entrevistas, relatos de vida e outros métodos qualitativos, a fim de aprofundar a compreensão das experiências relacionadas à ausência paterna e de seus impactos na formação da identidade e no autoconhecimento. Investigações dessa natureza poderão ampliar o conhecimento científico sobre o tema e oferecer subsídios ainda mais consistentes para a atuação de profissionais da psicologia e da saúde mental.

Por fim, o presente estudo contribui para fortalecer o debate acadêmico sobre a importância das relações familiares no desenvolvimento humano e oferece reflexões que podem subsidiar práticas clínicas mais sensíveis, humanizadas e centradas nas necessidades individuais de pessoas que vivenciaram essa realidade ao longo de sua trajetória.

REFERENCIAS

- AINSWORTH, Mary D. S. *Padrões de apego: um estudo psicológico da situação estranha*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. *Metodologia da pesquisa jurídica*. 28. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2017.
- BITTAR, Eduardo. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2017.
- BITTAR, Ricardo. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: Editora Acadêmica, 2017.
- BOWLBY, John. *Apego e perda*. 3 v. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- BOWLBY, John. *Apego e perda: apego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BOWLBY, John. *Apego e perda*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRANDAO, Ana Maria; SILVA, João Pedro; PEREIRA, Lucas. **Políticas públicas para crianças e adolescentes: desafios atuais**. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2018.
- CABRERA, Natasha J. et al. **Fatherhood in the twenty-first century**. *Child Development*, v. 89, n. 2, p. 546-558, 2018.
- ERIKSON, Erik H. *Childhood and society*. New York: W. W. Norton, 1950.
- ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- FONAGY, Peter; TARGET, Mary. *Psicanálise e teoria do apego*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FONSECA, A. C.; SILVA, M. R. **Paternidade na história: aspectos sociais e culturais**. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, p. 45-58, 2015.
- FONSECA, Ana; SILVA, João. *História da paternidade: da Antiguidade à modernidade*. São Paulo: Cortez, 2015.
- FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo (1914)*. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 13-50. (Obras completas, v. 12).
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id (1923)*. In: FREUD, Sigmund. *O ego e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. (Obras completas, v. 16).
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira

das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).

FREUD, Sigmund. ***O mal-estar na civilização***. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GIL, Antonio Carlos. ***Métodos e técnicas de pesquisa social***. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOLBERGER, David; GOLDBERGER, Susan. ***A criança emocionalmente saudável***. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

GOLEMAN, Daniel. ***Inteligência emocional***. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GONÇALVES, L. S.; SOUZA, T. M. **A transformação da figura paterna no século XXI: uma revisão teórica**. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 10, n. 3, p. 112-125, 2019.

GONÇALVES, Ricardo; SOUZA, Fernanda. ***Paternidade contemporânea: entre afetividade e responsabilidade social***. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

JUNG, Carl G. ***O homem e seus símbolos***. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

KEHL, Cristina. ***A presença e a ausência paterna: implicações no desenvolvimento humano***. São Paulo: Paulus, 2010.

KROGER, Jane. *Identity development: adolescence through adulthood*. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2017.

LACAN, Jacques. ***Escritos***. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Trabalho original publicado em 1966).

LAMB, M. E. ***The role of the father in child development***. New York: Wiley Publishing Company, 2010.

LANE, Silvia T. M. ***O que é psicologia social***. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. ***Fundamentos de metodologia científica***. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. ***Metodologia científica***. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MASLOW, Abraham H. ***A theory of human motivation***. *Psychological Review*, v. 50, n. 4, p. 370-396, 1943.

MASLOW, Abraham. ***Motivação e personalidade***. São Paulo: Cultrix, 1954.

MASLOW, A. H. ***Motivação e personalidade***. 3. ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1970.

MASLOW, Abraham. *Motivação e personalidade*. 3. ed. São Paulo: Harper & Row, 1991.

MASLOW, Abraham H. *Motivação e personalidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

MASTEN, Ann S. *Ordinary magic: resilience in development*. 2. ed. New York: Guilford Press, 2018.

MARTINS, R.; PEREIRA, F. **A história da família e da autoridade paterna na sociedade ocidental**. Estudos de História, v. 35, n. 1/2, p. 89-104, 2018.

MARTINS, Carlos; PEREIRA, Mariana. **O papel do pai na Idade Média: entre autoridade e moralidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

PAI. In: MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 14 set. 2025.

PAIS, José Machado. Paternidades ausentes, paternidades possíveis. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 93, p. 25-46, 2011.

PATERNIDADE. In: MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 14 set. 2025.

ROGERS, Carl. Ni. **Liberdade para aprender**. São Paulo: Cultrix, 1961. ROGERS, C. R. Tornar-se pessoa. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa: um ponto de vista da psicoterapia. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROGERS, Carl R. **Terapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1961]. —. On becoming a person: a therapist's view of psychotherapy. Boston: Houghton Mifflin, 1961.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

RUTTER, Michael. **Resilience as a dynamic concept. Development and Psychopathology**, v. 24, n. 2, p. 335-344, 2012.

RYAN, Richard M.; DECI, Edward L. **Teoria da autodeterminação: necessidades psicológicas básicas na motivação, desenvolvimento e bem-estar**. Porto Alegre: Artmed, 2020.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

STERN, Daniel N. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

STERN, Daniel N. **The interpersonal world of the infant: a view from psychoanalysis and developmental psychology**. New York: Basic Books, 1985.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.